



ISSN: 2358-0844

n. 3, v. 1 mai.-out. 2015  
p. 01-05.

Apresentação do dossiê

# Deslocamentos antropofágicos ou de como devoramos Judith Butler

Leandro Colling<sup>1</sup>

Larissa Pelúcio<sup>2</sup>

Judith Butler é desconcertante. Talvez por isso seus escritos tenham “tumultuado”, como propõe João Manuel de Oliveira, o campo dos estudos de gênero e sexualidade de uma maneira tão profunda, influente e desestabilizadora. Das certezas teóricas relativas à perspectiva construcionista de gênero ao lugar intocável de Simone de Beauvoir como grande desnaturalizadora do conceito de gênero, nada escapou à verve crítica dos escritos sempre densos e desafiantes dessa judia acusada de ser antisemita.

A dimensão não-natural do sexo, a centralidade da heterossexualidade como matriz política reguladora, a recusa ontológica de certos corpos foram novidades filosóficas, teóricas e, sobretudo, políticas aportadas por Butler para nossas reflexões dentro dos feminismos, dos estudos de gênero e sexualidade, fazendo com que o termo “queer” repercutisse em muitas línguas, em múltiplos *corpus*, não sem provocar polêmicas no campo acadêmico e do ativismo. No Brasil o efeito Butler ainda é sensível. Convida-nos a deslocamentos permanentes porque estamos no firme exercício de dialogar com Butler, de antropofogizar as suas potentes teorizações.

Este dossiê expressa, em boa medida, essas apropriações que temos feito de forma criativa e profícua das contribuições de Judith Butler para o campo dos estudos de gênero, mas para além, chegando à Filosofia, à Comunicação, à Psicanálise, às Ciências Sociais.

*Criticamente subversiva*<sup>3</sup>, Butler inspira este dossiê, que se pretende também subversivo. Subverter olhares é a proposta comum que atravessa os artigos aqui reunidos. Pessoas de diferentes áreas do conhecimento e de distintos lugares dialogam e tencionam olhares com as propostas teóricas da “Queen Queer”, como a chamou outra influente feminista, Gayle Rubin.

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal da Bahia. E-mail: leandro.colling@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (campus Bauru). E-mail: larissapelucio@gmail.com

<sup>3</sup> Título de texto de Judith Butler publicado em MÉRIDA Jiménez, Rafael (ed.), *Sexualidades transgresoras*. Una antología de estudios queer, Editorial Icaria, Barcelona, 2002, pp. 55-79

Abrimos o dossiê com o texto de João Manuel de Oliveira, no qual o autor apresenta os efeitos e afetações do livro *Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade* na cena acadêmica portuguesa e, em seguida, mostra como, no campo das artes, a recepção ganha outros contornos e se expressa em coincidências frutíferas, em um país “onde o gênero primeiro se dança e só depois é que se estuda”. Oliveira consegue pontuar os *Tumultos de gênero: os efeitos de Gender trouble em Portugal* nos oferecendo um “com/texto” inspirado em Gayatri Spivak, que também guia nosso olhar latino e nos faz pensar nos efeitos locais das propostas e provocações desse livro.

O segundo texto traz a “escrita ciborgue” de Eduardo Pereira Francisco. O autor mostra, ao longo de suas argumentações inspiradas em leituras pós-estruturalistas, a importância das teorias do jornalismo se deixarem também afetar para serem atualizadas a partir de um ponto de vista feminista, pós-estruturalista, que desafie o lugar periférico de determinadas vidas conferido ao que parece digno de notícia. Em *Vulnerabilidade das existências ciborgues: apontamentos feministas para se pensar a condição humana a partir de acontecimentos jornalísticos*, as contribuições de Donna Haraway somam-se à noção de precariedade da vida em Butler, desafiando o campo jornalístico, afinando olhares para a forma com que certas vidas são (in)visibilizadas. Por quem somos ensinados a chorar, quem nos enluta? - interroga-se Francisco. Questionamentos que colocam feminismos e psicanálise em diálogo também no artigo de Patrícia Porchart.

A psicanalista reivindica um corpo para Butler, historicizando o lugar desse corpo-conceito tanto na biografia quanto na bibliografia da autora. Em profícuo e sensível diálogo entre filosofia e psicanálise, Porchart articula o conceito spinosista de *conatus* com o de abjeção, proposto por Kristeva e apropriado de forma crítica por Butler. A partir dessa tensão o artigo caminha da dimensão ontológica do Ser para a política da viabilidade das vidas precárias, oferecendo-nos uma densa, mas didática, discussão sobre um dos conceitos mais influentes da obra de Butler, o de abjeção.

Igualmente desafiantes são os conceitos que Elza Ferreira Santos traz em *Gênero, poder e subjetivação: compreensões a partir da leitura de Mecanismos Psíquicos del Poder: teorías sobre la sujeción*. Em um exercício hermenêutico, ela vai nos conduzindo pela sua própria biografia acadêmica, o que nos leva ao seu encontro/encantamento com a obra de Butler, com destaque para o livro que aparece no título de seu texto para este dossiê. A autora mostra como os processos de subjetivação podem ser enfrentados, valendo-se das contribuições de Michel Foucault em sua teoria do poder, trazendo para o campo



argumentativo os dados empíricos das pesquisas realizadas pela autora entre mulheres com profissões que desafiam as expectativas hegemônicas de gênero.

Os estudos queer, tributários do pensamento derridariano, também buscam desafiar as dicotomias clássicas que enclausuram o pensamento ocidental. A escrita de Butler força essas linhas dos binarismos e suas contribuições inspiram Marcos Aurélio da Silva, em *Da performance à performatividade: possíveis diálogos com Judith Butler na antropologia de um festival de cinema*. A partir de tensões contemporâneas presentes no campo antropológico, o autor toma as contribuições de Butler como uma possibilidade para os dilemas que a disciplina enfrenta no presente, como a superação de dualidades clássicas como sexo e gênero, corpo e mente, natureza e cultura. O artigo nos leva a um didático percurso no qual os conceitos de performance, central nas contribuições de autores como o antropólogo Victor Turner, e o de performatividade, apropriado por Butler a partir da proposta linguística de John Austin, são colocados em diálogo. Em seguida, mostrar-nos o valor heurístico de ambos na análise do festival Cine Mix, de São Paulo, particularmente do Show do Gongo como expressão de espaço e tempo liminares ou liminoides, no qual as inversões e provocações ali performadas denunciam, justamente, a performatividade das identidades de gênero.

Michel Foucault é um nome incontornável na genealogia queer. No sexto artigo deste dossiê, o encontro entre o filósofo francês e a filósofa norte-americana se dá por meio das discussões sobre poder e sujeição, cara a ambos. Laila Maria Domith Vicente se vale dos aportes dessas discussões para pensar-nos como sujeitos de gênero, a partir de performatividades engendradas, que nos encapsulam, mas também possibilitam que articulemos contra discursos subversivos que desafiam as “ficções políticas”. Em *A sujeição performativamente engendrada: atravessamentos entre os estudos de Judith Butler e os modos de subjetivação em Michel Foucault*, vozes queer e feministas ecoam nas disputas subversivas sobre gênero e identidade, sexualidade e relações de poder, conferindo, a partir de potentes teorizações, espessura política a questões subjetivas, ancorando na materialidade do corpo essas formulações. Um corpo que escapa, denuncia e se rebela, por vezes, às sujeições normativas.

O corpo encontra também centralidade no artigo de Juliana Bravo, no qual a autora discute a força subversiva da corporalidade queer, tomando o conceito de cultura somática com a ideia de estilização corpórea como fios condutores de sua argumentação para levar-nos até a produção de personagens não-heterossexuais em telenovelas nacionais. Em *Do “Eu” ao “Outro”: a estilização do corpo queer*, a autora nos leva do produto cultural à filosofia hegeliana, passando



pelas contribuições de Foucault, Guacira Lopes Louro e, claro, Butler. Inspirado nessas fontes, o texto parte da premissa que o conceito de heteronormatividade é a base para a compreensão dos processos de regulação dos sujeitos na sociedade, por meio do qual se modulam os regimes de visibilidade baseados na “aceitabilidade” de corpos e performances de gênero restritas e restritivas. Ainda assim, mesmo no produto cultural símbolo do lazer da família brasileira, existem escapes possíveis, uma vez que as apropriações das personagens se dão por diferentes canais e com fins múltiplos, entre esses, o de afirmar o desejo dissidente como possível, provocando nosso olhar.

A produção ortopédica de sujeitos afeitos às normas, por vezes com violências de gênero e sexualidade, é discutida no penúltimo artigo do dossiê. Fabrício de Sousa Sampaio, em *O terceiro banheiro: fuga da “pedagogia do insulto” e/ou reforço da heteronormatividade*, traz as “inconclusões” de sua pesquisa para problematizar o poder dos silêncios que se materializam na arquitetura binariamente genereficada dos espaços escolares. Aqui também estamos frente a regimes de visibilidade que operam mecanismos, por vezes, perversos, que exigem o silenciamento e a discrição daqueles e daquelas que parecem não ter entendido a lição básica da sociabilidade escolar: portar-se e parecer como uma pessoa heterossexual. Não fazê-lo pode autorizar múltiplas violações, punições pelo suposto desvio sexual que ameaçaria a ordem dos desejos. Potencialmente violadoras, as sexualidades dissidentes penetram no espaço escolar. Toleradas ali, elas precisariam, então, ser isoladas. A discussão sobre o uso dos banheiros deixa de ser um tema secundário para adquirir a centralidade política que os corpos exigem. É por essa arquitetura torturante que o autor nos conduz, denunciando o caráter guetizador de certos “direitos”, como aquele anunciado pela possibilidade de se ter um terceiro banheiro para os “desajustados” do sexo e do gênero.

Encerramos com a escrita sensível de Angela Figueiredo que, em uma carta dirigida à Butler, contextualiza a importância das afirmações/negociações identitárias relativas às históricas questões raciais que marcam de forma profunda nossa sociedade. *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler* sintetiza e aprofunda discussões sócio-antropológicas a partir da experiência da pesquisadora, imprimindo textura política à delicadeza da escrita biográfica, a qual reanima o potente adágio do feminismo da segunda onda, evidenciando que as relações de poder por meio das quais raça, classe e gênero foram tramadas em nosso país, constituíram subjetividades e identidades marcadas pelo rechaço, mas esses mesmos mecanismos potencializaram a politização do que é pessoal.



Como essas pessoas pesquisadoras, de diferentes campos do conhecimento, se valeram dos aportes de Judith Butler atesta a potência de suas ideias e de como a leitura voraz que fizemos de sua produção nos nutriu e nos inspirou a sermos, nós também, subversivamente críticas.

Vamos, então, saboreá-la!

